

Putin não pode ganhar

Se a Ucrânia expulsar a Rússia do seu território, isso significará que a força da lei prevaleceu sobre a lei da força. E que, mesmo na guerra, as democracias podem ser mais fortes que as autocracias.

Nuno Severiano Teixeira | Público | 22 de fevereiro de 2023

Esta guerra não tem um ano. Tem mais de uma década. E se ela se trava na Ucrânia, vai muito para além da Ucrânia e tem um significado global.

Esta guerra começou com o objectivo de Putin de refazer o espaço pós-soviético e com o de Xi Jinping de conquistar a hegemonia mundial até 2049. Embora muito diferentes – a China é uma potência em ascensão, a Rússia uma potência em queda –, ambas partilham entre si alguns valores e outros tantos interesses na política internacional. Ambas querem afirmar a superioridade da autocracia sobre a democracia, ambas querem rever a ordem internacional liberal e substituí-la por uma ordem pós-democrática e ambas querem acabar com o que ainda resta da hegemonia americana.

Xi Jinping, com inteligência, Putin sem ela, o primeiro de forma indirecta, e subtil, o segundo de forma directa e brutal, ambos odeiam o Ocidente. Interpretaram as crises financeiras internacionais e a crise do euro, em particular, como uma vulnerabilidade estrutural das economias ocidentais. Interpretaram a ascensão de regimes autocráticos em potências emergentes e a erosão das democracias sob a pressão dos populismos como a crise final da democracia liberal. Putin apressou-se, de resto, a passar-lhe a certidão de óbito e a declará-la, solene e definitivamente, obsoleta.

Mas interpretaram, sobretudo, a tolerância política, a tibieza diplomática e a fraqueza militar com que os Estados Unidos e a Europa olharam e reagiram aos sucessivos golpes de força da Rússia de Putin na cena internacional. Primeiro na Geórgia, em 2008: limitaram-se a uma condenação retórica e poucas sanções. Depois na Síria, em 2012: mesmo depois de Obama ter traçado as linhas vermelhas e Putin as ter violado frontal e ostensivamente, nada aconteceu além da mesma retórica e das mesmas sanções.

A confirmação chegou finalmente, em 2014, com a anexação da Crimeia: apesar da violação grosseira do direito internacional, da alteração de fronteiras pela via da força e do significado político que tal acontecimento tinha, nada voltou a acontecer além das sanções e da retórica. Era a prova provada da fraqueza das democracias e do declínio inexorável do Ocidente. Tinha chegado o momento de lhes dar o golpe final. A interpretação de Putin era, aliás, legítima: se as democracias são fracas, se o Ocidente está em queda e nada aconteceu no passado, porque haveria de acontecer no futuro? Sentiu-se confiante e avançou para a Ucrânia. Faz agora um ano.

Ora, a guerra da Ucrânia é só mais um capítulo dessa guerra mais longa e de significado global. E é por isso que o destino da guerra na Ucrânia não é indiferente para o futuro da ordem internacional. Está em causa, certamente, o futuro da Ucrânia: a sua soberania, a sua integridade territorial e o direito do seu povo de escolher o seu futuro. Mas está em causa muito mais que a Ucrânia. Está em causa a relação de forças que vai definir a organização da ordem internacional. Uma ordem em que é legal o recurso à força para alterar fronteiras, impor esferas de influência e soberanias limitadas aos outros Estados. Ou uma ordem internacional fundada na lei e baseada em regras, em que os povos têm o direito de dispor de si próprios, de acordo com a Carta das Nações Unidas. Porque é isso que está em causa nesta guerra: a Ucrânia, que quer ter o direito de escolher o seu destino: democrático e europeu; e Putin, que se acha no direito de impor pela força que fique na sua esfera de influência: russa e autoritária.

Se a Rússia vencer, isso significará a vitória da força sobre a lei. E que, uma vez consolidada a Ucrânia, o risco pesará sobre a Moldova, os Bálticos e, quem sabe, a Polónia. Seria uma nova prova da fraqueza das democracias, que a China não deixaria de interpretar no que respeita a Taiwan. Se, pelo contrário, a Ucrânia vencer e expulsar a Rússia do seu território, isso significará que a força da lei prevaleceu sobre a lei da força. E que, mesmo na guerra, as democracias podem ser mais fortes que as autocracias.

E uma derrota militar da Rússia na Ucrânia não deixaria de moderar as tentações da China em Taiwan. A aliança entre a Rússia e a China continuaria, certamente, mas, para a China, a Rússia seria um fardo cada vez mais pesado para a sua ambição de hegemonia global.

Um ano depois da invasão russa, é isto que está em jogo na Ucrânia: o direito do povo ucraniano de escolher livremente o seu destino e de o mundo viver numa ordem baseada em regras democráticas. É esse o caminho da paz. E é por isso que Putin não pode ganhar.

<https://www.publico.pt/2023/02/22/opiniao/opiniao/putin-nao-ganhar-2039703>